

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

SAMARA ANNUAR MESQUITA SEO

PARANGOLÉS:
A ARTE COMO FORMA DE VIVER O UNIVERSO INFANTIL

CAMPINAS

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

SAMARA ANNUAR MESQUITA SEO

PARANGOLÉS:

A ARTE COMO FORMA DE VIVER O UNIVERSO INFANTIL

Memorial apresentado para conclusão do
Curso de Especialização de crianças e
Pedagogia da Infância, sob orientação da
Profa. Dra. Márcia Strazzacappa.

CAMPINAS

2019

(espaço para ficha catalográfica)

Campinas, outubro de 2019

Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández

ORIENTADORA

Profa. Dra. Mirza Ferreira

SEGUNDA LEITORA

Dedico este trabalho às professoras e professores que indicam
caminhos e abrem portas mudando vidas...

às educadoras e aos educadores de bebês e crianças
pequenas, que insistem em nadar contra a maré.

*Depois que um corpo comporta outro corpo, nenhum coração
suporta o pouco... Alice Ruiz*

AGRADECIMENTOS

À Deus, sempre e para sempre.

À Universidade Estadual de Campinas, pela formação inicial e continuada; pela manutenção dos espaços educativos.

Aos meus amados companheiros diários...

Meu marido Edson, que continua apoiando e incentivando meu desabrochar;

Meu filho mais velho, Murilo Kazumi, que me fez parar a primeira escrita e olhar para dentro;

Meu filho mais novo, Daniel Hiroshi, que me fez voltar a escrever e olhar para fora.

À inspiradora amiga e companheira de trabalho Tatiane Moraes Farias, por ser exatamente como é.

À querida professora e orientadora Márcia Strazzacappa, pela sensibilidade, parceria e disposição.

RESUMO

Este memorial tem o objetivo de apresentar uma forma de compreender a Educação Infantil, tendo como importante aliada à arte e como inspiração os importantes ícones da história da arte contemporânea Hélio Oiticica e Lúcia Clark, que através da proposta “Parangolés”, apresentam uma maneira de compreender e viver arte. Uma apresentação da minha história e formação, uma breve apresentação dos artistas, seu revolucionário pensamento e algumas de suas obras são brevemente retratadas, seguido de algumas vivências de releituras das obras na Educação Infantil de uma creche universitária.

Palavras – Chave: Educação Infantil, Parangolés, Arte, Vivências, Creche Universitária

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAS – Creche Área da Saúde

CECI – Centro de Convivência Infantil

CEI – Centro de Educação Infantil

CEMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

DEDIC – Divisão de Educação Infantil e Complementar

DGRH – Diretoria Geral de Recursos Humanos

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FOP – Faculdade de Odontologia de Piracicaba

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;

MEC – Ministério da Educação

PRODECAD - Programa de Desenvolvimento e Integração da Criança e do Adolescente

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO.....	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – POR DEBAIXO DOS PANOS.....	13
1.1– DO CERRADO AO LITORAL, A INFÂNCIA POSSÍVEL.....	13
1.2 – PROFESSORES TRANSFORMADORES	15
CAPÍTULO 2 – ENTRE OS TECIDOS	17
CAPÍTULO 3 - ABREM-SE AS CORTINAS	20
3.1 - DA ACADEMIA AO CHÃO DE FÁBRICA, ANSEIO E PERCURSO PÓS FORMAÇÃO	20
3.2 - DEDIC - SUA HISTÓRIA E FUNCIONAMENTO	20
3.3 - AS PRIMEIRAS TURMAS	23
4.1 - TURMA DOS PARANGOLÉS.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35

INTRODUÇÃO

Essa é a segunda versão do trabalho de conclusão do Curso de Especialização de Crianças e Pedagogia da Infância. A proposta inicial, não finalizada, começou na primeira edição do curso, em 2017, o qual foi oferecido apenas para professoras da DEDIC. O trabalho final podia ser apresentado no formato de monografia ou artigo. Na época, optei pelo artigo.

O trabalho, de mesmo título do atual – “Parangolés: a arte como forma de viver o universo infantil” - tinha como objetivo apresentar e refletir sobre um projeto vivenciado com o grupo de crianças do qual eu era uma das professoras de referência¹ naquele ano.

A elaboração da escrita já estava bem encaminhada. Já havia incorporado os apontamentos feitos por minha orientadora, professora Márcia Strazzacappa, e faltava apenas enviarmos para o segundo leitor quando não mais consegui fazê-lo. Encontrava-me grávida do meu primeiro filho e, a cada dia, percebia que as emoções estavam tomando conta de mim de uma forma que não conseguia produzir mais nada, afinal, tinha uma vida se formando no meu interior e para além disso as demandas do cotidiano de professora de crianças pequenas, com jornada de 40 horas semanais, esgotavam o restante de minha energia.

O trabalho ficou pendente...

A criança chegou forte, me mostrando que realmente tinha muito o que aprender e mudando o foco do meu olhar para certos detalhes do cotidiano e das relações entre as famílias e a escola.

O ano de 2018 começou e com ele o ano letivo e o retorno ao trabalho após a licença maternidade. Agora eu estava em outro espaço, professora de bebês no CECI Berçário e meu filho frequentava o mesmo lugar e continuava me ajudando a ver o que antes era desconhecido para mim. A segunda edição do curso de Especialização de Crianças e Pedagogia da Infância começou e minha parceira estava frequentando as aulas.

No meio do mesmo ano descobri que outro bebê estava a caminho e que chegaria antes do ano terminar, uma vez que a gestação já estava bem adiantada. O

¹ Professor de Referência é o nome dado ao responsável pela turma naquele ano letivo, na DEDIC as turmas possuem 2 professores referência e auxiliares - que podem ser professores volantes; estagiários contratados ou bolsistas do programa SAE.

assunto “TCC” fazia parte das conversas na sala das professoras e eu me perguntava como seria retornar para a elaboração do meu.

Mais um ano finalizou e, com ele, a chegada de meu segundo bebê. Novamente, eu reaprendendo tantas coisas. Interessante pensar como as prioridades mudam completamente após uma experiência tão intensa e profunda como a maternidade e o quanto estar nesse lugar pode auxiliar na compreensão dos outros sujeitos que compõem a educação.

Hoje, no segundo semestre de 2019, de volta ao cotidiano da Educação Infantil após a segunda licença maternidade, retorno para a reelaboração da escrita uma vez que decidi que não abandonaria todo o processo percorrido até então.

Em conversa com a professora Adriana Varani, coordenadora do curso de Especialização, tomei ciência sobre as novas regras para TCC do curso que exigem os formatos de monografia ou memorial. De imediato pensei que o memorial seria mais coerente – uma vez que a experiência apresentada faz parte de minha trajetória de professora e que transformá-lo em um memorial possibilitaria ampliar a discussão e minuciar melhor características do mesmo que estavam até então apenas pinceladas.

Nasceu, então, a segunda versão do trabalho de conclusão do curso de especialização que ora se apresenta. Sendo um memorial de formação, compreendendo a formação de uma forma mais ampla, considerando a formação em serviço e pelas trocas entre parcerias de práticas.

O memorial está organizado em capítulos, os quais seguem a ordem cronológica dos acontecimentos. No primeiro capítulo, apresento o contexto familiar e narro trechos de minha infância e os primeiros motivos que me fizeram escolher seguir a carreira docente. No segundo, focalizo o olhar para a formação superior no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp e, paralelamente, à formação prática com o início da minha jornada profissional na educação como Agente de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas. Já no terceiro, trago minha vivência de recém-formada, assumindo minhas primeiras turmas como professora de Educação Básica, nas unidades educacionais da DEDIC na Unicamp. Neste mesmo capítulo, apresento os primeiros projetos com crianças pequenas e me debruço especialmente na vivência do meu terceiro ano na DEDIC, na turma dos “Parangolés”,

a qual contaminou positivamente minhas práticas e me fez repensar os tempos e modos de se fazer educação infantil.

CAPÍTULO 1 – POR DEBAIXO DOS PANOS

1.1– DO CERRADO AO LITORAL, A INFÂNCIA POSSÍVEL.

... à medida que caminhamos, vemos novas paisagens se abrindo, enquanto que as paisagens pelas quais já passamos parecem diferentes quando olhamos para trás... (Dahlberg, Moss e Pence, 2003)

Não me lembro de todas as cidades nas quais já morei, tampouco todas as casas que já chamei de lar, afinal, nasci na cidade de Goiânia no estado de Goiás e antes de completar meu primeiro ano minha família e eu já estávamos no estado de Minas Gerais. Meus pais nessa época ainda moravam juntos, minha mãe não trabalhava e o que eu sabia até então era que meu pai era transferido e por esse motivo mudávamos muito. Algumas das mudanças eram grandes e levávamos os móveis e tudo, em outras apenas malas de roupas e caixas de livros – mas o fato é que os livros os acompanhavam em todas as mudanças. Éramos quatro, meus pais, meu irmão mais velho e eu.

Meu primeiro contato com espaço coletivo de educação foi aos quatro anos, numa creche no município de Guapé no interior de Minas Gerais (cidade com pouco mais de treze mil habitantes e a 332 km da capital, Belo Horizonte). Fui apenas 2 dias para a escolinha e chorei tanto ao perceber que minha mãe não estava lá que uma das funcionárias me levou para casa (coisa de outra época e de cidade pequena onde todo mundo rapidamente conhece todo mundo). Meu irmão já se adaptou mais facilmente e voltava com os joelhos e a traseira da calça bem sujas de terra vermelha de tanto brincar. De lá guardo com carinho a lembrança do cheiro de biscoito feito em casa e do costume das mulheres da rua de se reunirem toda semana na casa de uma para fazer biscoitos e bolos e dividiam tudo depois. Também há a lembrança de irmos pescar na represa no fundo de casa e de assarmos os peixes no quintal junto com o padre que gostava de conversar e beber vinho tinto (curioso pois meu pai era pastor protestante).

Passei meu aniversário de 5 anos em Santo André, SP, cidade na grande São Paulo onde morei por um ano. Lá, meu irmão já ia para a escola fundamental e eu ficava em casa com minha mãe. Ainda antes de completar seis anos mudamos para o Rio de Janeiro, na capital do estado, e lá consegui frequentar por alguns meses o “prézinho” – como chamavam a antiga pré-escola - e me lembro com carinho de

algumas experiências vividas naquela creche da periferia na qual ainda tenho uma foto com o uniforme e pintura de coelhinho na época da Páscoa.

Moramos também em uma cidade do interior do Rio de Janeiro chamada Barra do Piraí (cidade localizada a 120km da capital e com cerca de noventa e cinco mil habitantes, atualmente) e dela lembro que não precisávamos andar muito para chegar numa cachoeira bem bonita e de água bem gelada. De lá tenho a pior de todas as memórias dessa fase da infância, a memória de chegar em casa e descobrir que seríamos 3 a partir daquele dia (muitos anos depois vim a saber que meu pai foi preso naquela cidade, mas que já estava sendo procurado há alguns anos por falsidade ideológica), era meio de ano e viemos para a chácara dos meus avós aqui próximo, na cidade de Monte Mor. Meu irmão terminou o ano letivo na escola rural e como eu ainda não estava na escola, ficava com meus avós fazendo as atividades de cuidado da terra e da criação; minha mãe tinha conseguido um emprego em Campinas e ficava durante a semana sozinha para trabalhar até conseguir alugar uma casa e nos mudarmos em definitivo.

Desde então seguimos os três em Campinas. O ano de 1997 começava e com ele meu ingresso na Educação Fundamental, mas eu já sabia ler e escrever, diferentemente dos meus colegas de sala, pois nas situações diversas com as tantas formas de cuidado que vivenciei, isso foi acontecendo naturalmente. Nesse ano eu e meu irmão estudávamos de manhã na mesma escola e voltávamos juntos para casa e cuidávamos um do outro durante o restante do dia até nossa mãe retornar do serviço, já anoitecendo. Estudei nas escolas estaduais do bairro e quase nunca precisava estudar em casa para conseguir me sair bem.

Meu irmão era um excelente aluno e por ser mais nova e passar pelos mesmos professores era conhecida como “a irmã do Bellini” (Bellini é o sobrenome da família da minha mãe que meu irmão também possui, eu não). Lembro como se fosse hoje como achava uma responsabilidade muito grande manter a reputação que meu irmão construiu e também é forte a memória do quanto os professores se surpreendiam com a forma “adulta” com a qual nos comportávamos e falávamos, e também com a fluência na leitura e facilidade de aprendizado.

Quando estava em casa minha brincadeira favorita era colocar os ursinhos sentados e ler para eles, e também passar uma “atividade” sobre a leitura como se fosse professora dos bichinhos.

1.2 – PROFESSORES TRANSFORMADORES

Quando meu irmão entrou no ensino médio, começou a fazer um projeto de biologia na Unicamp convidado por uma professora lá da escola do bairro e sempre tinha novidade para contar. Eu ficava encantada com as narrações dele sobre a Universidade e as coisas que ele estava aprendendo naquele lugar e passei a dizer que era isso que eu seria quando crescesse “professora da UNICAMP”.

Eu tinha interesse por fazer CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério), pois tinha uma vizinha que estava fazendo e me contava como era... mas o programa teve fim bem no ano que eu poderia ingressar. O tempo foi passando e uma professora de Português levou para a aula panfletos das “ETECs” e distribuiu para todos os alunos do oitavo ano e alegou que era uma oportunidade de estudarmos em escolas melhores e que deveríamos conversar com nossos pais. E foi assim que consegui ter um Ensino Médio gratuito de melhor qualidade, estudando (após aprovação em Vestibulinho) na ETEC Bento Quirino, no centro da cidade. Nesse tempo, meu irmão já trabalhava de dia e de noite havia ingressado no COTUCA, onde fazia o curso de Técnico Ambiental.

Me pergunto se essas professoras têm consciência da porta de possibilidades que nos abriram com suas ponderações e sugestões... Apenas eu, dentre todos os colegas daquela turma de oitava série, fiz a inscrição sugerida.

O Ensino Médio marcou muito por vários motivos; lembro de muitas aulas e da forma engajada com que os professores falavam, especialmente o professor de História. O mesmo me chamava de ‘líder da oposição’ pois sempre me colocava em sua aula aceitando as provocações propositais que ele fazia para gerar grandes discussões, e com as discussões muito se aprendia. Lembro que para conseguir notas boas eu precisava estudar a partir de então.

A época do vestibular foi um período de muitas mudanças e dúvidas; meu irmão se mudava para Brasília para começar a trilhar seu próprio caminho; eu já sabia que queria ser professora, mas estava apaixonada pela História e pela Arte (no currículo tínhamos aula semanal de Artes e a história da arte me encantava). Resolvi que dos quatro vestibulares públicos que prestaria (afinal, a única oportunidade de continuar estudando era ser aprovada em uma universidade pública ou conseguir uma bolsa integral em universidade particular), dois seriam nos cursos de História – já prevendo uma pós voltada para a arte – e os outros dois nos cursos de Pedagogia. Prestei

UNICAMP, USP, UNESP e UFSCAR. A emoção tomava conta de mim e de minha mãe a cada vez que saía a lista dos aprovados e encontrávamos meu nome.

A decisão não foi sequer pensada, quando a lista da UNICAMP saiu – e era a última – já sabia que ficaria em Campinas e ingressaria agora no curso de Pedagogia da Unicamp. Afinal permanecer na cidade era a melhor opção já que éramos apenas nós duas agora – minha mãe e eu.

CAPÍTULO 2 – ENTRE OS TECIDOS

Entrar na Universidade era um sonho realizado, mas sabia que só seria possível viver esse sonho se conseguisse me manter financeiramente pois, por mais que minha mãe continuasse trabalhando o dia todo, os custos eram altos e eu já estava quase completando 18 anos. Logo no primeiro semestre consegui auxílio com as bolsas do SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) de transporte e alimentação. Ainda no primeiro semestre fiquei sabendo por meio de colegas do curso que a Prefeitura de Campinas estava com um Processo Seletivo aberto para vagas de Agente de Educação Infantil. Era um cargo temporário, mas sem dúvidas já ajudaria muito e sem pestanejar fui fazer minha inscrição.

No mês de maio convocaram para entregar a documentação e fazer os exames admissionais. Nas férias de julho comecei a trabalhar numa CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) localizada no bairro Vida Nova, na periferia da cidade.

Na Universidade seguia o currículo de 2008, com as disciplinas mais teóricas logo no início (aulas de Sociologia da Educação; História da Educação; Filosofia da Educação etc.) e nenhuma bagagem prática.

Confesso que era assustador pensar no caminho que havia escolhido. Demorava mais de uma hora dentro do transporte para chegar do trabalho na faculdade, saía das aulas do noturno depois das 22:30h e, para chegar em casa, precisava de mais dois ônibus e mais alguns bons minutos. Mas sabia que essa era a única chance e não podia nem pensar em desistir.

No fim daquele ano, 2008, houve Concurso Público Efetivo para o cargo de Agente de Educação Infantil e muitos dos profissionais que estavam já no concurso temporário foram efetivados, eu fui uma dessas. Não tive muita escolha em relação ao local para onde seria encaminhada. Fui para outra CEMEI, no bairro Floresta 2, também na periferia da cidade e soube que pelos próximos três anos (Período Probatório) lá seria o local onde trabalharia.

Muitas vezes me peguei questionando o papel da formação uma vez que a prática era tão diferente e pesada. Cheguei a ter 26 bebês na mesma turma (de 04 meses de vida à 1 ano e meio) e muito pouco conseguia ver de possibilidades de “trabalho pedagógico” naquelas condições. Apesar da difícil realidade, muitas

professoras conjuntamente com os agentes faziam as coisas acontecerem, especialmente com as turminhas de Agrupamento 2², mas era um desafio diário.

No último ano da Graduação, finalmente, começaram as aulas de Educação Infantil. A inquietação continuava, afinal as propostas dos textos lidos sobre a importância de se respeitar as crianças em sua integridade, com seus tempos e saberes era quase que impossível quando a rotina exigia entrar no refeitório em um determinado horário e sair dele 30 minutos depois para que outra turma também pudesse se alimentar na sequência ou quando se discutia que “na educação Infantil o cuidar e o educar são indissociáveis” e portanto o momento da troca também deve ter esse olhar educacional... como quando você precisa trocar todas as 26 crianças em um curto intervalo de tempo? E como fazer o tempo das vivências e propostas pedagógicas não ficar apenas em função da rotina?

As inquietações eram tantas que no meu trabalho de conclusão do curso me debrucei sobre alguns aspectos dessas instituições de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas, especialmente no novo modelo que estava sendo proposto naquele contexto, as “Naves Mãe”, que precarizava ainda mais o trabalho. Segundo Mesquita (2012), a Nave Mãe “atende quase o dobro de crianças do que a CEMEI, no entanto possui menor número de educadores, o que revela que as condições de trabalho são muito distintas” (MESQUITA, p.62, 2012).

Ficava a me perguntar como seria possível resistir a tamanho retrocesso com essa proposta de parceria público-privada nas instituições de Educação Infantil, visto que as “Naves Mãe” possuíam uma abordagem totalmente contrária à defendida na Universidade: não exigindo formação específica para os educadores, não respeitando a laicidade da educação pública, apontando a educação infantil como mera preparação para o ensino fundamental,

No entanto, não há como ignorar que, depois de tanta luta para a Educação Infantil se afirmar como Educação de fato, a proposta apresentada representa uma grande perda, pois, é vista como mera preparatória para as demais etapas da educação.

Da mesma maneira, encontramos primeiramente forte assistencialismo, tanto às crianças como às famílias, a ponto de afirmarem que a presença das Naves-Mãe em determinadas regiões da cidade é a única

² A Prefeitura de Campinas trabalha com Agrupamentos multietários, nos quais o Agrupamento 1 corresponde a crianças em idade de berçário - de 4 meses a 18 meses aproximadamente; Agrupamento 2 turmas correspondentes à maternal - de 18 meses a 3 anos aproximadamente e Agrupamento 3 com turmas de pré escola - de 3 a 5 anos e 11 meses aproximadamente.

esperança de garantir algum futuro para essas “crianças resultantes de famílias desestruturadas” (SANTOS, p.43).

Em segundo momento, encontramos valores e ensinamentos religiosos sendo propagados e cobrados dentro das CEIs públicas, contrapondo-se à laicidade da educação assegurada legalmente.(MESQUITA, p.63-64, 2012)

E o medo do que me esperava ao sair da faculdade era tamanho.

Faltando poucos meses para me formar, vivi uma alegria indescritível. Houve Concurso Público para Professor de Educação Básica para a Prefeitura de Campinas e me dediquei muito aos estudos para pleitear uma vaga. Fui aprovada e com uma colocação muito boa! E o que era alegria se tornou decepção uma vez que não demoraram nada para me convocar e, por estar terminando a graduação, não pude assumir o cargo. E agora? Outro concurso para o Município só ocorreria (pelo menos) dois anos depois. Partir para a iniciativa privada? Continuar como Agente de Educação Infantil?

CAPÍTULO 3 - ABREM-SE AS CORTINAS

3.1 - DA ACADEMIA AO CHÃO DE FÁBRICA, ANSEIO E PERCURSO PÓS FORMAÇÃO

O concurso público para Professor de Educação Básica e Não Formal da Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEDIC) da Unicamp abriu as inscrições em momento oportuno, com publicação de Edital no dia 05 de março de 2013 (EDITAL 14/2013). Ainda lamentava o fato de não ter conseguido assumir como Professora de Educação Infantil na prefeitura de Campinas e já estava partindo para outros caminhos - já havia prestado dois outros concursos em outras áreas que exigiam apenas nível superior sem especificar o curso, uma vez que estava comprando apartamento com meu companheiro e os planos que fazíamos pediam um trabalho melhor remunerado - quando soube dessa oportunidade nas creches da Unicamp.

O fato de serem 4 vagas desafiava, mas decidi que lutaria por uma e realmente estudei com afinco tudo o que estava descrito no edital. Lembro com clareza de combinar com uma amiga querida, da graduação, de estudarmos juntas e assim fazíamos todas as noites. Além de leituras e resumos que trocávamos para contribuir com o estudo da outra.

A alegria foi imensa quando vi nossos nomes na lista de classificadas (no feminino, uma vez que apenas mulheres foram aprovadas). Minha querida amiga estava em quarto lugar e eu empatada com a quinta nota, mas assumia a quinta colocação por ter como critério de desempate a idade.

Infelizmente o tempo entre ser aprovada e de fato ser efetivada foi bem espaçado, permaneci como Agente de Educação Infantil todo o ano letivo uma vez que o concurso aconteceu em maio de 2013, mas a convocação chegou apenas em dezembro do mesmo ano (por uma linda coincidência no dia do aniversário de minha mãe). Além disso houve mais um período para realizar os exames admissionais. O fato é que iniciei o trabalho no dia 03 de fevereiro de 2014.

Mas afinal, o que é a DEDIC? Como funciona essa instituição dentro da Universidade? Desde quando e por que ela existe?

3.2 - DEDIC - SUA HISTÓRIA E FUNCIONAMENTO

A história das creches na Unicamp não é diferente da história da Educação Infantil como um todo.

(...) as décadas de 70 e 80 foram marcadas por grandes lutas e movimentos sociais de trabalhadores que, embora “engolidos” pelo sistema capitalista de produção, foram se constituindo como sujeitos coletivos e, como resultado desta coletividade, organizaram-se movimentos como as “comunidades de base”, “clube de mães”(...). A questão do trabalho feminino, que ascendia à época, conota ainda outra especificidade destas relações (...). (OLIVEIRA, p.27, 2014)

A Luta das mães trabalhadoras pelo direito à maternidade e de ter um espaço para deixar seus filhos também foi tomando proporção na Unicamp, como consta no Documento ‘Projeto Político Pedagógico’ da DEDIC,

Configura-se em sua origem como parte da luta de mães trabalhadoras da Universidade que foi encampada como política de incentivo às respectivas trabalhadoras. Em um momento posterior, incorporou o segmento dos estudantes, integrando a agenda da política de permanência estudantil. (PPP, p.10, 2018/2019)

No princípio apenas os bebês menores de um ano obtiveram atendimento e gradativamente o atendimento foi crescendo,

Primeiro Espaço de Educação Infantil da Universidade (Campus Campinas), foi fundado e inaugurado, oficialmente, em 27 de julho de 1982 com base no Decreto 18.370, de 8 de janeiro de 1982, do Governo do Estado de São Paulo com fundamento no artigo 89 da lei nº 9.717, de 30 de janeiro de 1967. Esse Decreto gerou o assim chamado “Programa de Centros de Convivência Infantil das Secretarias de Estado e Descentralizadas”, que atendeu, inicialmente, 30 crianças. (PPP, p.3, 2016)

As vagas, inicialmente destinadas apenas às mães trabalhadoras da Universidade, hoje contemplam um percentual de trabalhadores FUNCAMP, alunos da graduação e pós-graduação.

O trabalho outrora destinado apenas aos cuidados e assistência, foi assumindo caráter educacional, assim como nas demais creches.

Um diferencial do trabalho pedagógico da DEDIC como um todo é que todas as turmas possuem duas professoras de referência, e a exigência (atualmente, conforme prevê o artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) para concorrer à vaga pública é formação específica em nível superior, com curso de Pedagogia plena ou com as antigas habilitações para Educação Infantil e Educação Não Formal. O que pretende garantir um melhor atendimento às crianças em todas as faixas etárias e demandas específicas. Mas nem sempre foi assim, a formação exigida para trabalhar nas creches da Unicamp e os profissionais que a compuseram ao longo dos anos são como uma grande colcha de retalhos: diversos.

Existem cinco categorias de profissionais da educação na Creche Área de Saúde: recreacionista sem formação básica (Magistério), recreacionista com

formação básica, recreacionista com curso superior em Pedagogia ou outra área, professora com formação básica e professora com graduação em Pedagogia. (GUATELLI, p.41, 2005)

A questão da formação continua sendo uma importante reivindicação do coletivo de professoras da DEDIC, atualmente reforçando a importância de se cumprir a Lei 11738/08 que além de estabelecer o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica, ainda estabelece a organização da jornada de trabalho em 2/3 com os educandos e 1/3 destinado ao planejamento e formação continuada.

Atualmente a DEDIC constitui-se de 4 unidades educativas no campus da Unicamp de Campinas e 1 no campus de Piracicaba. Os quais são:

- CECI Integral Berçário: atende bebês de 06 meses à aproximadamente 18 meses, das 08h30 às 17h30;
- CECI Integral: composto por crianças de 19 meses à 5 anos e 11 meses, subdividindo-se em maternal e pré escola; funcionando nos horários das 07h00 às 16h e 08h30 às 17h30;
- CECI Parcial (antiga CAS - Creche área da Saúde): possui crianças de berçário à pré escola nos horário de 7h às 13h e 13h às 19h;
- PRODECAD (Programa de Desenvolvimento e Integração da Criança e do Adolescente) - educação Não Formal complementar de crianças de 6 a 14 anos (matriculados na Escola Estadual Sérgio Porto) no contraturno da escola formal. Os Horários das turmas são:

Parcial:

- 8h30 às 12h40
- 11h30 às 16h

Intermediário:

- 11h30 às 13h30
- 17h10 às 19h15
- CECI FOP: em modalidade multietária atendendo das 8h30 às 17h30;

3.3 - AS PRIMEIRAS TURMAS

Minha primeira turma como professora foi uma turminha muito especial. Eu e minha parceira éramos novas e ambas tínhamos como experiência anterior o apoio à professora - eu como Agente de Educação e ela como estagiária na antiga CAS (Creche Área de Saúde, atualmente chamada de CECI Parcial), mas nunca como professoras de referência. A turma tinha 14 bebês de aproximadamente 18 meses e estavam ingressando no CECI Integral, no maternal 1. Quase todos haviam frequentado o espaço do CECI berçário no ano anterior e alguns ainda estavam aprendendo a andar de forma autônoma.

No mesmo módulo havia uma segunda turma de maternal 1, com 12 bebês e duas professoras - uma do mesmo concurso que o meu, recém ingressante e uma professora que já pertencia ao espaço há mais tempo, porém com o decorrer dos meses a parceria se desfez e outra professora recém ingressante compôs a equipe. Quatro professoras novas e sem, ou muito pouca, experiência, trabalhando com crianças tão pequenas e tão dependentes ainda do adulto para as questões do cuidado...um desafio e tanto para mim.

Essa turma apresentava muito forte a característica de gostar das cantigas infantis e de tentar acompanhar os ritmos das músicas batendo nos objetos que estavam próximos. Por esse motivo a chamamos de “Turma do Batuque” e ao longo do ano propusemos vivências de confecções e explorações de instrumentos musicais usando diversos materiais, especialmente sucata.

A turma tinha o horário da visita (um horário em que as famílias podem vir e ficar com as crianças, das 11h30 até 12h30, tempo no qual as crianças já almoçaram e vão se preparando para o descanso), e a parceria com as famílias, especialmente nesse horário, era muito forte. Penso que essa parceria supria as falhas deixadas pela nossa falta de bagagem, e aprendemos muito com a troca.

Com muito pesar rememoro práticas coletivas muito disciplinadoras e que impunham um tempo e uma forma de fazer que não são naturais da criança, sempre marcado pela rotina e necessidades do adulto de cumprir cronogramas e burocracias. O material humano era outro desafio uma vez que muitas vezes minha parceira e eu ficávamos com a responsabilidade de conduzir a rotina das duas turmas sozinhas, por questões particulares das duas outras professoras do módulo. Em alguns dias tínhamos 1 hora para fazer a troca de fraldas e, se necessário, roupas das 26 crianças,

tendo que ficar um adulto com o grupo e dois trocando, não era difícil acontecerem acidentes ou situações de conflito entre as crianças nesse momento.

O ano também marcou minha memória por ter tido um longo período de greve. Apesar das tensões, lembro com alegria de receber uma cópia de um documento encaminhado à coordenação, formulado e assinado por todos os pais da turma, valorizando o trabalho feito por mim e minha parceira e solicitando que a turma seguisse conosco no ano seguinte, e caso não fosse possível, que pelo menos uma de nós os acompanhasse.

A escolha das turmas ainda era um processo mediado pelas chefias, nós escrevíamos duas intenções (idade das crianças com as quais gostaríamos de trabalhar e a parceria) em um papel e entregávamos à coordenação e à direção, as quais montavam o quadro contemplando as solicitações, ou não.

Lembro de ter solicitado ir para o maternal 2 e com a mesma turma e parceira. De fato fui para o maternal 2, mas com a turma ao lado e com uma nova parceira.

Assim começava meu segundo ano de docência, em um grupo de 15 crianças com um pouco mais de 2 anos. Foi um ano de muitas aventuras!

Naquele ano minha parceira fazia um horário de trabalho diferente do meu - em comum acordo para possibilitar para ela vir junto com outra colega da mesma cidade e como turma piloto para ver se funcionaria implementar essas parcerias em outras turmas nos próximos anos-, ela entrava às 7h da manhã e saía às 16h, eu e as crianças fazíamos o horário das 8h30 às 17h30. Isso possibilitava que minha parceira fizesse 1h30 de planejamento antes de começar o trabalho com o grupo todos os dias, somando assim 7h30 semanais e facilitando que ela estivesse com o grupo para cobrir meus planejamentos nos dias em que a estagiária do módulo ficava conosco. Das 16h às 17h30 eu ficava sozinha com a turma mas contava com o auxílio das professoras da turma ao lado, caso precisasse; também contávamos com uma estagiária no período da tarde para cobrir os dois grupos.

Tínhamos um canto de fantasias e espelhos no salão do módulo e todos os dias algumas de nossas crianças disputavam o chapéu do pirata e o grupo como um todo demonstrava muita atenção e curiosidade quando contávamos uma história que o personagem principal também era um pirata, sendo assim denominamos a turma como “Turma dos Piratas” e o projeto de mesmo título se desdobrou em duas frentes, uma mais voltada a estudar os meios de transporte que culminou na confecção de

uma grande caravela com tamanho suficiente para que as crianças pudessem entrar dentro, e outra destinada a estudar os animais marinhos e suas principais características - na qual as crianças também confeccionaram os animais de diferentes formas e passamos a ter o quarto todo decorado com os animais, inclusive tenho saudades de um polvo bem grande que ficava no teto com os tentáculos pendurados alcançando os dois lados do quarto.

Sinto muita alegria em rememorar esse ano letivo! Uma turma que deu muito certo e uma parceria que tocou com muito empenho o trabalho o ano todo. Por não conseguirmos fazer corretamente os horários de planejamento, era muito comum usarmos parte de nosso horário de almoço para organizar as atividades ou até mesmo trabalhávamos nas nossas casas.

O ano encerrava e a angústia de como seria o ano seguinte começava a permear os pensamentos e conversas no espaço. Mais um ano a consulta para formação das turmas foi feita por papéis individuais com apontamentos das intenções.

Tendo passado dois anos no espaço eu havia chegado a uma importante conclusão, para conseguir executar um trabalho bom na DEDIC é mais importante ter uma parceria que funcione do que escolher a faixa etária com a qual se tem preferência de trabalhar então já estava conversando com algumas pessoas e tentando combinar previamente e assim aconteceu, eu pedi para trabalhar com a Tati (Tatiane Farias, vou apresentá-la melhor no próximo capítulo) e ela pediu também minha parceria independentemente da turma.

CAPÍTULO 4 - PARANGOLÉS - A ARTE COMO FORMA DE VIVER O UNIVERSO INFANTIL

O terceiro ano como professora na DEDIC foi imensamente especial. Pela primeira vez minha parceira seria uma professora com mais tempo de experiência e vi nisso uma possibilidade de aprender, mas não imaginava o quanto!

Tatiane Moraes Farias é professora na DEDIC desde 2004. É mãe de duas meninas e possui uma trajetória pedagógica muito rica, buscando contínua desconstrução de padrões impostos pelo sistema de produção capitalista, sempre com um olhar para o tempo das crianças e com propostas mais coletivas e humanizadoras.

Logo no início do ano, enquanto ainda estávamos conhecendo as crianças, a Tati (como gosta de ser chamada) veio com a proposta de tentarmos fazer um projeto de arte com o grupo, e me deu alguns textos para ler sobre a proposta. Ela falou sobre dois artistas brasileiros em especial, Lygia Clark e Hélio Oiticica, e sobre uma perspectiva de arte diferente da apresentada em obras e pinturas, a “arte experimental”.

Enquanto argumentava do quanto ela acreditava ser um projeto significativo, vi aquela chama em seus olhos, que vemos apenas no olhar de quem realmente acredita no que faz e faz com uma paixão que move as ações. Decidi que permitiria ser contagiada por essa paixão. Primeiramente fui conhecer quem eram esses artistas, li os textos indicados e procurei mais sobre o assunto para tentar contribuir com a elaboração do nosso projeto.

Nos parágrafos abaixo, apresento uma síntese de minhas descobertas sobre esses dois artistas.

O primeiro, Hélio Oiticica³, nasceu em 26 de julho de 1937, na cidade do Rio de Janeiro, tornando-se um dos principais representantes da arte experimental dos anos 60 e 70, sendo considerado um expoente do neoconcretismo e um importante ícone da história da arte contemporânea no Brasil e no exterior.

Suas experimentações desenvolveram-se continuamente, partindo da fase visual com pintura em telas e superfícies e seguindo à fase sensorial, na qual passou a apresentar propostas de “antiarte ambiental”, com integração entre as obras e o

³ Informações disponíveis em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3810/neoconcretismo>
<http://www.heliooiticica.org.br/home/home.php>

ambiente eliminando toda referência ao ilusório e transformando as relações plásticas em vivências. Suas obras passam a propor cada vez mais relações sensoriais e corpóreas por parte do espectador, gerando uma nova percepção de obra de arte, propondo possibilidades de arte para além dos limites de quadros e esculturas, utilizando-se de recursos variados como estímulos aos sentidos humanos (tato, olfato, paladar e visão) e de intervenções inusitadas em espaços, expandindo assim o conceito de arte.

Oiticica procurava envolver o espectador tão profundamente que a arte e o humano se fundissem, de maneira que esse humano pudesse ser a própria arte. Suas instalações – espaços físicos projetados para que as pessoas pudessem, literalmente, entrar na obra de arte – e a reação que causavam nas pessoas, compunham um acontecimento único para cada indivíduo, que não podia ser repetido. Esse conjunto constituía sua arte.

Os “Parangolés” surgiram nesse contexto, como mais uma proposta inovadora de Oiticica. Uma inusitada mistura de tecidos coloridos e corpos dançando e interagindo entre si, numa verdadeira “arte viva”. Sua arte objetivava ainda uma real democratização das artes brasileiras com a união da cultura popular com a erudita, levando o samba e a favela para dentro dos museus.

O artista acreditava que essa experiência podia libertar o espectador/participante de seus conceitos éticos e estéticos construídos ao longo da vida, possibilitando que voltasse à sua condição natural, logo, proporcionando uma condição de criança.

A segunda artista estudada, Lygia Clark, nasceu em Belo Horizonte/MG no ano de 1920, foi pintora e escultora. Viveu e estudou em Paris, França, nos anos de 1950 a 1952 e ao retornar ao Brasil foi participante do Grupo Frente, que se dedicava a questionar a forma de fazer arte no país e romper com a velha academia. Lygia também é uma das fundadoras do Grupo Neoconcreto e integrou a I Exposição de Arte Neoconcreta, assinando o Manifesto Neoconcreto o qual marca uma ruptura importante na arte moderna nacional uma vez que

os neoconcretos defendem a liberdade de experimentação, o retorno às intenções expressivas e o resgate da subjetividade. A recuperação das possibilidades criadoras do artista - não mais considerado um inventor de protótipos industriais - e a incorporação efetiva do observador - que ao tocar e manipular as obras torna-se parte delas - apresentam-se como tentativas de eliminar certo acento técnico-científico presente no concretismo. Se a arte é fundamentalmente meio de expressão, e não produção de feito industrial,

é porque o fazer artístico ancora-se na experiência definida no tempo e no espaço. (NEOCONCRETISMO, 2019)

Ao longo de suas vivências sua arte foi evoluindo e caminhando no sentido de superação dos suportes estáticos e da mera representação e passa a propor uma desmistificação da arte e da figura do artista, compartilhando com o espectador a criação da arte.

Ambos artistas aqui estudados me mostraram outra perspectiva acerca das artes plásticas, retirando a passividade do espectador e colocando-o na condição de experimentador, valorizando mais o fazer que o contemplar e integrando obra e espectador.

4.1 - TURMA DOS PARANGOLÉS

Partindo do pressuposto de que as crianças vivem em condição natural, desprovidas de formatações próprias dos adultos – padrões de comportamento educados e moldados, podemos crer que as crianças pequenas possuem a capacidade de nos ensinar a ver além do que conseguimos sozinhos e a viver o presente mais intensamente. Como afirma Freire, "a busca de conhecimento não é para a criança preparação para nada, e sim vida aqui e agora". (FREIRE, 1983)

Dialogando com o artista Oiticica, as crianças são "Parangolés". Suas produções, suas linguagens e suas tantas formas de expressão fluem naturalmente, como se esta fase incorporasse um estado de arte que dialoga com o ser pleno. Segundo HOLM (2007), arte educadora dinamarquesa, os pequenos nesta fase da vida nos convidam a experimentar.

Eles têm a arte dentro de si. Eles criam arte. Eles nos dizem algo. Algo que perdemos. Algo atraente e sedutor. Algo que reconhecemos e que não podemos explicar. Tudo é maior. Para as crianças pequenas existe uma conexão direta entre vida e obra. Essas coisas são inseparáveis (HOLM, 2007, p.03).

Em concordância com o trabalho destes artistas, fomos inspiradas na relação com as crianças a receber todas suas intervenções e contribuições do dia a dia, e, desafiadas a proporcionar no cotidiano momentos carregados de vida e sentidos, com sensações, cores, texturas, sabores, temperatura, corpo, música, peraltices e muitas artes.

Um desafio diário, uma vez que propor novas perspectivas e formas de se relacionar e conduzir o trabalho cotidiano com as crianças, não é uma tarefa fácil. É um exercício de reconstrução e de entrega, de abandonar os hábitos já adquiridos e

mergulhar no novo. A professora Márcia Strazzacappa traduz essa experiência da seguinte maneira:

(...) para ensinar arte, é necessário fazer arte, mantendo-nos sempre próximos daquilo de que somos feitos, isto é, próximos à nossa essência, à nossa materialidade artística. Ter feito o exercício de olhar, ou melhor, (lançar mão de um verbo mais corporal) de me debruçar sobre o processo de criação (...).(STRAZZACAPPA, 2011, p.145)

Minha parceira e eu, em horário de planejamento, sentamos e elaboramos um pequeno Projeto Pedagógico para nortear nossas práticas dentro da proposta. Destacamos abaixo os objetivos específicos:

- Proporcionar vivências sensoriais: texturas; tecidos; temperaturas; imagens; sons; elementos da natureza; materiais de pintura diversificados; entre outros.
- Criar Instalações que possibilitem a participação e imersão nas vivências;
- Possibilitar espaços e tempos de livre criação;
- Valorizar a espontaneidade e autoria das crianças respeitando e aprendendo com suas contribuições;
- Realizar vivências que possibilitem momentos de integração das famílias com o projeto;
- Dar visibilidade aos trabalhos e produções das crianças, de maneira que eles possam se reconhecer; (FARIAS, Tatiane Moraes & MESQUITA, Samara. Projeto Anual 2017)

Iniciamos, segundo o plano, com pintura em telas e tecidos e fomos refazendo os passos de criação de Oiticica. Logo as possibilidades foram reinterpretadas e ampliadas, visto que as crianças começaram a reinterpretar as opções e trazer suas contribuições, com o jeito de cada uma de participar. Pincéis variados e outros objetos de pintura, inúmeras vezes eram substituídos por suas pequenas mãos, pés e outras partes de seus corpos.

Algumas crianças estavam sempre dispostas a participar, outras preferiam observar e serem convencidas aos poucos de que seria interessante. Procuramos respeitar o tempo de cada uma e a intensidade com a qual se dispunham a explorar.

Sabemos da expectativa das famílias em ver concretamente ou receber as atividades das crianças e muitas vezes não tivemos um produto final que possibilitasse satisfazer essa demanda, uma vez que a interação das crianças com os diferentes objetos apresentados acontecia de formas variadas. Procurávamos registrar em fotografias e filmagens para socializar com os responsáveis para que de fato pudessem estar co-participando das vivências.

As produções das crianças são minúcias e sutilezas que se não estão no chão, estão quase lá, na altura delas, carregadas de um valor e um tamanho imensurável na qual pacotinho ou pasta alguma iria comportar. Para (re)conhecer é preciso estar disposto, ter respeito, e um punhado de encantamentos no olhar (FARIAS & SEO, 2017)

Mas acreditamos que mais importante do que um produto para expor é o percurso realizado pelas crianças. Cada descoberta, cada sensação, tudo visto com olhos de quem quer ver. Com olhos de verdadeiros artistas.

A forma de conhecer dos artistas é inspiradora, pois eles veem o mundo com olhar de espanto, buscam o novo, admitem o estranho, entregam-se à vertigem do desconhecido; colocam-se em posição de escuta, de atenção às coisas, aos objetos, aos outros, cultivando o abismo da dúvida, da ambiguidade. (OSTETTO, 2011, p.4)

As crianças participaram de todas as etapas de confecção das obras. Em geral nos dividíamos, enquanto uma professora fazia a preparação do ambiente no qual realizaríamos a vivência, a outra acompanhava o grupo de crianças nos afazeres da rotina – alimentação, descanso etc. Em alguns momentos contávamos com o apoio de estagiários, outros momentos era necessário juntar as turmas do módulo para conseguir a saída de um adulto.

Importante ressaltar que os espaços do CECI favoreceram a realização das vivências, uma vez que dispomos de amplos parques, gramados e espaços internos e procuramos usufruir de todos os espaços possíveis, permitindo às crianças se apropriarem e se sentirem pertencentes ao mesmo. Acreditamos que a organização dos espaços e a forma como são apresentados às crianças, dizem muito sobre as convicções pedagógicas.

A arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma da construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais (...). O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa. (DAYRELL, 1995, p.147)

Nas páginas a seguir, para que o leitor possa ter a dimensão do trabalho que foi realizado, apresento um quadro com algumas imagens para ilustrar as vivências e releituras das obras.

À esquerda, as obras de Hélio Oiticica e de Lygia Clark. À direita, registros dos trabalhos produzidos pelas crianças.

	OBRAS DE HÉLIO OITICICA e LYGIA CLARK:	RELEITURAS DAS CRIANÇAS:
--	--	--------------------------



P
A
R
A
N
G
O
L
É
S



(PARANGOLÉS, Hélio Oiticica 1965)



(A "SUPRASSENSAÇÃO" - Penetrável GAL - Hélio Oiticica)





(CARA DE CAVALO - Hélio Oiticica 1968)

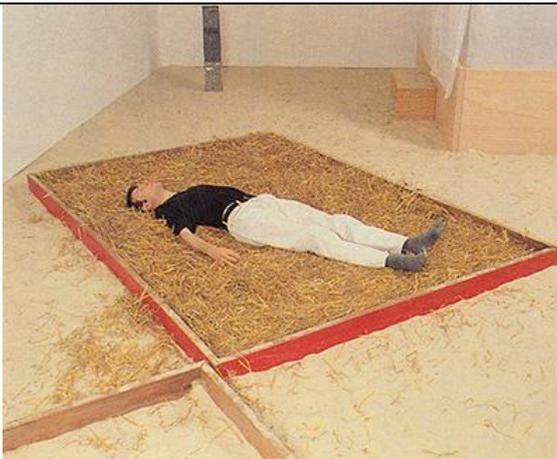


(PARANGOLÉS - Hélio Oiticica)





(“ESCADA” Lygia Clark 1961)

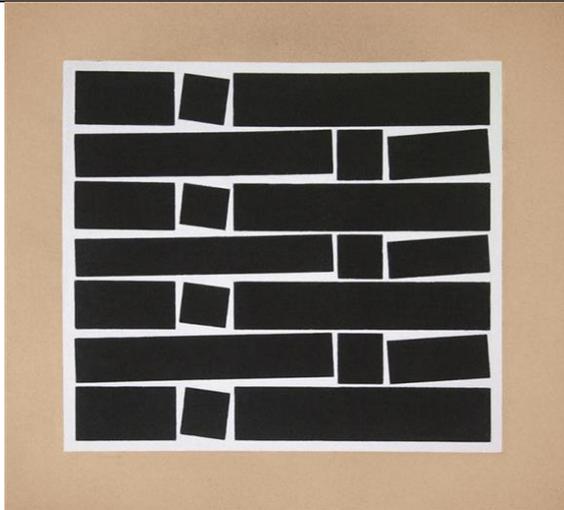


(Hélio Oiticica. B54, Bólido Área 1. 1967)



(PENETRÁVEL 1 - Hélio Oiticica - 1960)





(METAESQUEMA - DOIS BRANCOS - Hélio Oiticica - 1937)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias.
Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal,
lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira.
Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro,
lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa.
Sou hoje um caçador de achadouros de infância.
Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal
Vestígios dos meninos que fomos.
(Manoel de Barros, 2003)

Sinto uma enorme gratidão ao pensar na trajetória percorrida até aqui, tanto nas questões da formação profissional como nos capítulos pessoais que, conjuntamente, vão me constituindo constantemente. Pude parar para refletir sobre minha história e rever aspectos que já evoluíram e tantos outros que ainda são necessários aprimorar. A maternidade, e no meu caso duplamente, me serviu como uma energia transformadora e me ensinou a agradecer as alegrias cotidianas e as pequenas conquistas, tanto minhas como das crianças com quem compartilho o dia a dia.

Penso que retomar a escrita, agora não mais como um artigo científico e sim no modelo de memorial, com o olhar mais amplo e de valorização das etapas vivenciadas, enriqueceu o texto, deu um novo sentido ao trabalho e reviveu em mim a vontade de continuar nesse revisitar das práticas e ampliar as teorias que embasam e norteiam o cotidiano na Educação Infantil.

Imprescindível apontar aqui a riqueza do trabalho em parceria com outra professora de referência na turma não apenas para dividir as demandas da rotina cansativa, afinal, trabalhar 40 horas semanais com crianças exige demais do físico, mental e psicológico, mas também para compartilhar os saberes e temperar em conjunto os rumos do trabalho pedagógico e as relações que vão sendo construídas e fortalecidas ao longo dos meses. Outra professora, com toda trajetória de vida e bagagem adquirida até então, enriquecendo as possibilidades.

Ter formação continuada, gratuita e com tamanha qualidade como vivenciada no curso de Especialização em Crianças e Pedagogia das Infâncias, em jornada de trabalho, é uma oportunidade ímpar e um motivador para continuar estudando e contribuindo para a Educação das crianças.

Almejo que os “achadouros”, citados por Manoel de Barros, sejam encontrados por nós, educadores, permitindo às crianças viver livremente a infância,

permitindo que sejam de fato autoras e protagonistas de todas as histórias que tecerão suas jornadas pelos espaços de educação.

Defendo que os educadores permitam que as crianças vivenciem a arte cotidianamente. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, documento que deve nortear o trabalho com as crianças pequenas no nosso país, respeitar o princípio estético é garantir o respeito: “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2010).

É necessário saber o momento de sair de cena e permitir que as crianças assumam o controle com liberdade.

Aprende-se a gostar, a ver e ouvir, assim como a combinar materiais, a inventar formas, por isso um dos papéis do professor é abrir canais para o olhar e a escuta sensíveis, disponibilizando repertórios (imagéticos, musicais, literários, cênicos, fílmicos), não apenas para a realização de uma atividade, mas, inclusive, cuidando do visual das salas e dos demais espaços da instituição. (OSTETTO, 2011, p.6)

Portanto, cabe aos professores possibilitarem espaços nos quais as crianças possam viver intensamente essa arte, sem pretensões e intenções pré-estabelecidas o tempo todo, respeitando e proporcionando assim a autoria e o protagonismo dos pequenos.

Devemos defender e militar por uma educação que não impeça as crianças de viver intensamente suas possibilidades e descobertas, mas que pelo contrário, amplie o repertório dos saberes infantis. Afinal, “o prazer de explorar – de transformar a si mesmo e as coisas – e de construir a própria experiência pertence às crianças desde sempre” (FORTUNATI, 2009)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil* / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. - Brasília: MEC, SEB, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Lei 12796 de de abril de 2013. - Brasília: MEC, SEB, 2013.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1995.

DEdIC (Divisão de Educação Infantil e Complementar). Universidade Estadual de Campinas. Projeto Político Pedagógico 2016. Campinas, SP: [s.n.], 2016.

DEdIC (Divisão de Educação Infantil e Complementar). Universidade Estadual de Campinas. Projeto Político Pedagógico 2018 – Caderno 1 de 2. Campinas, SP: [s.n.], 2018/2019.

FAVARETO, Celso. *A Invenção de Hélio Oiticica*. São Paulo: Edusp, 1992.

FORTUNATI, Aldo. A educação infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família: a experiência em San Miniato. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUATELLI, Milena Ferreira. Memorial de Formação: em cena : um olhar reflexivo sobre minhas memórias / Milena Ferreria Guatelli. – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

HOLM, A. M. (2007). *Baby-art: os primeiros passos com a arte*. São Paulo/SP: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

NEOCONCRETISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3810/neoconcretismo>>. Acesso em: 06 de Set. 2019.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao Grande Labirinto*. Rio de Janeiro: Racco, 1986.

OITICICA, Hélio. *Hélio Oiticica*. Paris: Jeu de Paume: Reunion des musees nautiaux, 1992.

OLIVEIRA, Carla de . *Mulheres cuidadoras, mulheres professoras: história, memória e formação profissional na Creche Área de Saúde da Unicamp*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. (2011) *Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis*. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320>> acessado em 28 de dezembro de 2016.

Website do Projeto Hélio Oiticica. Disponível em :
<<http://www.heliooiticica.org.br/home/home.php>> acessado em 10 de janeiro de 2017.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Daquilo que somos feitos ou Debruçando-me sobre o processo de criação da obra Sobre Mulheres e Lobos*. In ALBANO, Ana Angélica & STRAZZACAPPA, Márcia (orgs): *Entrelugares do corpo e da arte* – Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.